

SUPERSTIÇÕES, FEITIÇARIAS E CRENDICES NO MEIO RURAL

RAIMUNDO LOPES DE FARIA (*)

Ninguém ignora a extensão dos males causados ao pobre homem do campo pela prática da feitiçaria, macumba, curandeirismo, charlatanismo, crendices diversas, superstições de toda ordem, tudo isso fruto da ignorância e boa-fé de quase todos. Isso não é para causar espanto, se meditarmos um pouco, analisando a origem, a causa de tais atos e práticas.

Inicialmente torna-se indispensável analisar as diferenças existentes entre os diversos termos — feitiçaria, fetichismo, amuleto, mau olhado, mascote, etc.

A vitalidade da superstição é extraordinária. No correr dos séculos, julgou-se muitas vezes que estava vencida, mas quando menos se esperava, de novo volvia a exercer o seu domínio sobre a humanidade. Em vão tentou-se até agora desacreditá-la pelo uso da razão.

A ilusão de que certos objetos trazem fortuna aos seus possuidores, em virtude de causas sobrenaturais, inclusive protegê-los de doença e da morte, está firmemente enraizada na alma dos homens, formando mesmo parte de sua mais remota herança. Esses objetos milagrosos têm sido designados com os nomes de feitiço, amuleto e talismã, embora a linguagem popular não faça distinção entre esses termos.

A palavra *amuleto*, parece derivar-se de *amoliri* (expulsar), enquanto *talismã* parece vir de *telesma*, ou seja ostentação de objetos de luxo. Feitiço, palavra portuguesa que deu origem à palavra francesa *fetiche*, vem do latim *Facticius* (feito com as mãos). As três expressões, se bem que diferentes, formam parte do conceito global dos “remédios mágicos curativos”, protetores ou de encantamento. *Amuleto*, seria um meio de afastar a desgraça e *talismã* um portador de fortuna.

O *feitiço* é patrimônio remoto dos povos primitivos e é considerado um meio eficiente, cuja suposta ação é condicionada pelo desejo de seu possuidor. Assim sendo, qualquer objeto, animado ou inanimado, pode chegar a ser portador de virtudes curativas ou protetoras consideradas sobrenaturais.

(*) Professor de Higiene Rural da ESAV.

O mundo intelectual dos povos primitivos era determinado pelo desamparo do homem contra a Natureza e todas as obras ou pensamentos se destinavam à proteção do homem contra os perigos, o que se faz hoje em escala bem elevada, constituindo os fins das Ciências e da Técnica.

Quando o poder humano não era suficiente para concretizar um desejo, mas a necessidade de sua realização se impunha, intervinha a fantasia, como acontece entre as crianças, e o desejo via-se satisfeito. Criou-se assim o *feitiço da analogia*. Acreditava-se alcançar o objeto desejado pela simples menção ou reprodução do mesmo. O resultado era objetivamente insignificante, mas satisfazia o ponto de vista subjetivo, à semelhança dos castelos que fazemos quando imaginamos ganhar a sorte grande na loteria e fantasiamos o emprêgo do dinheiro conforme as nossas inclinações.

Outros enigmas atribulavam o intelecto do homem primitivo, como o sonho, a vida, a morte. Nasceu daí a consciência do "eu" que se opõe à morte e admitiu-se a existência da alma com a faculdade de abandonar o corpo, como o sonho parecia indicar. Daí admitir-se a existência de almas independentes, ou seja uma espécie de *polidemonismo*, admitindo-se que em cada coisa da Natureza, habitava um demônio, espécie de alma, ao passo que a alma em si mesma era uma energia indivisível emitida pelos corpos.

O homem primitivo passou então a admitir as doenças e desgraças à influência de demônios inimigos, porque o baixo nível de conhecimentos, exatamente como acontece no meio rural; não lhe garantia apreciar as verdadeiras causas das enfermidades ou catástrofes naturais, tão amplamente como faz o homem culto dos nossos tempos.

Assim, para combater forças malignas e demônios desconhecidos, só usando as suas próprias armas, isto é, antepondo-lhes outros demônios também desconhecidos.

A admissão de que as substâncias da alma são transferíveis, isto é, que o espírito mau pode encarnar-se no corpo humano, levou o homem rude à crença de que também partes de um corpo morto, tais como pedras, pele de animais, garras, dentes, pedaços de vestuários pertencentes ao indivíduo em questão, pudessem estar impregnados de porção de substância de sua alma. Se esses objetos são postos em contacto com o próprio corpo, conferem-lhe a força do defunto ou do animal.

Os adornos de hoje, de função puramente estética, provavelmente tiveram origem nessas concepções; daí as primeiras formas de amuletos e talismãs. Com isso supunha-se

preservar os seus portadores dos perigos de doenças, comunicando-lhes as suas fôrças mágicas. Nem outra pode ser a explicação dos amuletos, medalhas, pedaços do Santo Lenho, farrapos de roupas de santos, orações fortes contra todos os males, etc.

O homem primitivo e os povos selvagens de hoje fornecem-nos grande material de estudo. No Congo, existem os "ngangas" ou médicos feiticeiros, que preparam a sua substância animadora para as práticas misteriosas e tradicionais, misturando determinada massa pegajosa feita com produtos venenosos vegetais ou animais. Essa massa endurece rapidamente e com ela untam tôda sorte de objetos que tomam as mais variadas formas e está pronto o *feitico*, tal como fazem os nossos macumbeiros cosendo a boca de um sapo com fios de linha preta, misturando substâncias diversas (galinha preta, moedas, pontas de cigarros) e na sexta-feira, à meia noite, invocam os *orixás*, *oguns* e outros demônios da macumba para realizarem os seus milagres ou *feiticos*. Os *feiticos de pregos e de espelhos* predominam em forma de figuras humanas esculpidas em madeira ou figuras fabulosas nas quais se cravam pregos de ferro. A analogia externa dessas figuras com representações de crucificação, levam a acreditar que êsses *feiticos* sejam imitações grosseiras da figura de Cristo que os negros africanos viram com os missionários.

E' de supor também que o uso dos *feiticos de prego* seja anteriores ao Cristianismo. A cravação conferiria poder ao *feitico* e dirigiria essa fôrça no sentido desejado pela pessoa que cravou os pregos.

Os *feiticos de espelho* são figuras de madeira ostentando no ventre uma cápsula coberta com espelho. Parece tratar-se de uma criação tardia, inspirada por uma produção européia que é o espelho, introduzida na África pelos colonizadores, que realiza o milagre de reproduzir as imagens, e, por meio delas, reforçar o poder do *feitico*.

O *médico-feiticeiro* ou *nganga*, proporciona a medicina (quer dizer, o remédio mágico que preserva ou cura), aos que solicitam a sua ajuda por meio desses *feiticos*. Há feitiçaria para tôda e qualquer situação: para o comerciante fazer bons negócios; para a mulher grávida que anseia por um parto fácil; para o guerreiro que quer tornar-se invulnerável; para o amante abandonado; para o indivíduo de vista fraca; para a extinção de pragas agrícolas e tudo mais. Vem a calhar o que nos disse certo sacerdote católico, afirmando que a Igreja tem orações para tudo, menos contra a *formiga saúva* ...

O feitiço é um instrumento mágico que pode transformar-se num ídolo. É acariciado quando proporciona o auxílio desejado, mas pode também ser maltratado e jogado n'água, quando não satisfaz aos anseios de seu possuidor.

Ao *talismã*, todavia, atribuiu-se um efeito pre-determinado, independente da vontade de seu possuidor, o mesmo podendo dizer-se do amuleto.

O *amuleto* tem sua origem perdida na noite dos tempos, nas antigas civilizações da Ásia e África com os mesmos caracteres que surgiu e invadiu os tempos modernos. Babilônia e Egito criaram os seus amuletos em correspondência com a crença em demônios regionais que imperam em cada uma dessas regiões. Ninguém se atreve a negar a existência, ainda hoje, do amuleto. Da intuição infantil da humanidade animista até o dia de hoje, não foram poucos os fenômenos decifrados pelo conhecimento e pela técnica, mas nem por isso se conseguiu desembaraçar-se da influência dos demônios.

É certo, os demônios fogem da técnica e dos conhecimentos, mas estes estão ainda muito longe de intervir decisivamente na vida do homem rural. Resulta daí o assombro que nos causam as crenças e superstições infantis, incompatíveis com a época do avião, do rádio, do radar e da bomba atômica.

As noções mágicas inculcadas no Antigo Oriente foram adotadas tanto no Oriente como no Ocidente. Nasceu daí a palavra "*magô*" derivada do nome de sacerdotes médicos-feiticeiros.

A arte chinesa apresenta exemplos clássicos de objetos afugentadores de demônios e a Índia é o país clássico dos mistérios e amuletos.

Os gregos veneravam amuletos constituídos dos despojos de seus heróis e nisso foram copiados pelos romanos. O apêgo ao amuleto estendeu-se pelo Islan e no fim da Idade Média chegou à Espanha levado pelos mouros conquistadores; invadiu a Europa a partir do século XIII, alcançando seu apogeu nos alvares da Idade Moderna, em relação íntima com a astronomia e alquimia que haviam trilhado o mesmo caminho.

Os amuletos exercem poder definitivo contra certas formas de atuação dos demônios maléficos. Quem ignora a credence do homem rural quando afirma a existência do *mau olhado*?

"*Mau olhado*" é uma das idéias quiméricas mais en-

trançadas e que até hoje não foi possível desalojar. É a "jettatura" dos italianos, mais ou menos acentuada nos demais países da Europa. Em geral o *mau olhado* é a forma mais disseminada da superstição e para conjurá-lo foram introduzidos numerosos amuletos. Para o homem rural o *mau olhado* impede o crescimento das plantas, reduz as colheitas, definha o gado e criações, torna esqueléticos robustos pimpolhos, acarreta ruínas financeiras de empresas prósperas. É provável que a crença tenha tido origem no olhar dos hipnotizadores. Afirma o homem rural que determinadas pessoas têm *mau olhado*, que se reconhece pela expressão iracunda ou invejosa, inconfundível sobretudo quando existem anomalias no órgão da visão, como também se reconhecem nos olhos expressões de ternura, amor ou admiração.

Se um portador de anomalia dos olhos faz elogio espontâneo da saúde de uma pessoa, especialmente de criança, invoca consciente ou inconscientemente os espíritos inimigos. As fatais consequências que podem derivar-se simplesmente de um efeito inconsciente, e portanto involuntário do *mau olhado*, são de transcendência incalculável na vida diária do homem rural. As paixões como a cólera, a inveja e aversão, parecem favorecer o *mau olhado*, sendo sobretudo suas portadoras as pessoas de caráter duvidoso ou enfermigo. A crença de que o *dano que um demônio faz só pode ser curado por remédios demoníacos*, faz com que o supersticioso procure a cura dos males produzidos pelo *mau olhado*, não nos meios naturais, mas nos mistérios da fantasia, da magia, dos amuletos.

Outro meio de conjurar o *mau olhado* são os amuletos em forma de órgãos genitais, especialmente masculinos. A antiga palavra latina "fascinus" da qual se derivou *fascinação* para designar *efeito do mau olhado*, significava primitivamente "membro genital masculino". As idéias da magia davam grande importância aos órgãos da concepção e do parto, daí os amuletos tomarem as suas formas. Ao membro genital masculino, atribuía-se poderosa força protetora; ao exibi-lo, se desviava e afugentava o *mau olhado*.

Talvez seja essa a razão por que vemos ainda hoje, nas ruínas de POMPEIA, figuras em alto relêvo de órgão genital masculino servindo de setas para indicar ruas e estradas, e mesmo o uso ainda recente de adornos para mulheres, com igual forma.

A cultura cristã deu fim a êsses objetos por motivo de moral pública e em consequência disso e em lugar da representação por demais realista, adotou-se um símbolo, a

chamada *Figa*, constituída por u'a mão cujo polegar assoma entre o indicador e o médio, gesto simbólico e até hoje em uso em vários lugares para indicar coabitação. Fazendo praça da ignorância ou simplicidade dos povos, a *Figa* continua a figurar nos adornos e enfeites, desde a criança de berço até as vovosinhas encanecidas ...

Também o coral passa por ser preventivo mágico contra o *mau olhado*.

Segundo remota tradição, o coral formou-se de gotas de sangue da cabeça cortada de Górgona (medusa), a qual já era, por sua vez, um amuleto para os olhos; vem daí o nome de *gorgônea*, aplicado ao coral; a sua côr vermelha, fazendo lembrar o sangue, por si mesmo sugestivo e importante, assim como a sua forma semelhante aos ramos de uma árvore e a sua procedência submarina, conferiram-lhe um aspecto misterioso e o tornaram aplicável à feitiçaria.

* *
*

Vejam agora um novo tipo de credence que a ciência classifica como "*ARTE DAS SINATURAS*". Esta, tal como as outras cousas relacionadas com o amuleto, funda-se, em parte, num arbitrário emprêgo da dedução por analogia. Com efeito, seu principio é deduzir uma relação íntima, fundada em analogias externas entre as formações naturais e natureza humana.

Os povos antigos elegiam, às vezes, remédios curativos guiando-se unicamente pela sua semelhança externa com formas de órgãos humanos.

PARACELSO, definiu a *ARTE DAS SINATURAS* do seguinte modo:

"A Natureza imprime a todo produto que dela parte o aspecto daquilo para que serve".

Deduz-se, pois, a razão do emprêgo de certas substâncias tão usadas no meio rural como específicas para determinados casos. O aspargo e o funcho, por suas folhas filiformes foram usados como medicamentos para as doenças do cabelo; o malmequer e a rosa, em cujas flores se queria ver uma semelhança com o olho, aplicavam-se contra as afecções dêste órgão; o trevo, contra as moléstias do coração, etc.

A minhoca tinha fama de medicamento anti-gotoso, pelo fato de contorcer-se como os membros quando atacados de gota; certas partes de animais particularmente fecundos

como a lebre e o galo, eram empregadas no tratamento da impotência sexual e esterilidade.

No meio rural, para cada doença existe um chá de folhas, de raízes, de animais e mesmo de excrementos destes, como acontece com o *chá de jasmim de cachorro*, feito com excrementos de cães para a cura do sarampo ou o *chá de tôdas as ervas*, de excremento de boi, para a cura da coqueluche. Nos seus remédios, o homem rural não vê, porque não conhece, nenhuma base terapêutica científica, mas apenas aplica porque "*dizem que é bom*", repetindo assim essa malfadada mania de indicar remédios apenas porque ouviu dizer, sem saber onde, que minhoca cura gota...

Enfim, todos amuletos devem a sua pretensa eficácia a uma força sobrenatural que se diz, encerram em si ou lhes é transmitida por feitiço de analogia. São êsses os amuletos originais aos quais se ajuntaram aqueles que devem a sua virtude à influência mágica dos astros e por aqueles outros, cujo poder se alicerça em sua consagração religiosa. São amuletos tardios que derivam igualmente, no fundo, dos primitivos, pois retiram seus poderes mágicos dos astros ou dos mistérios da Natureza. O nome de Deus e dos anjos atua favoravelmente para consecução das mágicas e feitiçarias.

A estrêla de cinco pontas (pentagrama ou Signo de Salomão), o *cinco Salomão* da prosódia vulgar, representando as cinco chagas de Cristo, é um símbolo sagrado, capaz de preservar-nos dos perigos de doença, segundo as crenças da feitiçaria.

Consoante PARACELSO, também os símbolos possuem uma virtude: os caracteres, as letras, os símbolos, cada um deles tem seu efeito. Dêsse modo, a natureza e a espécie de um metal concordam com a influência e o efeito do céu e dos planetas e depois com a significação dos caracteres, símbolos e letras, junto com a apreciação do tempo, hora e dia. Aquele que preparava um amuleto, assumia a missão não só de associar o objeto a Deus por meio dos símbolos sagrados, mas ainda atrair as forças das "inteligências astrais" em conformidade com a constelação que preside um momento dado.

O material empregado entrava também em conta e cada metal tinha seus planetas, dos quais dependia. Assim, quando se intentava um favor de reis, gravava-se em ouro o sol soberano junto a uma figura de leão.

O alquimista Leonardo Thurneisser valeu-se disso para enriquecer-se, fabricando anéis de variados metais com diversos signos zodiacais, pedras variadas, formas apropriadas.

Isso em 1596. E' lamentável que ainda hoje, quase 500 anos depois, ainda encontremos nos principais jornais e revistas da Capital da República, anúncios e propagandas do célebre "*ANEL ZODÁICO*", *registrado e garantido por lei* (conforme diz a propaganda), a oitava maravilha da Fábrica de Jóias Azteca. R. Regente Feijó—18—Rio de Janeiro.

A título de curiosidade diremos que o mercúrio tinha o signo de Mercúrio; o cobre, o de Venus; o ferro, o de Marte; o estanho, o de Júpiter; o ouro, o do Sol e a prata, o da Lua. Apareceram então os amuletos gravados em sete metais, englobando num feixe influências dos sete planetas e satisfazendo aos desejos mais variados.

Do mesmo modo foram as pedras preciosas relacionadas aos planetas e recebendo deles o poder mágico, fruto da imaginação dos mais sagazes contra os menos avisados.

Existe ainda o *amuleto religioso*, que recebe a sua virtude pela consagração do sacerdote, que, com orações e água benta, comunica a benção do céu ao objeto terreno. A forma mais comum do *amuleto religioso* é o escapulário, vulgarmente chamado "Breve ou Relíquia". Trata-se de um pequeno saco contendo orações, relíquias trituradas, ervas, etc., que se pendura ao pescoço, gosando a faculdade de conferir ao seu portador proteção contra todo e qualquer mal.

E' interessante notar que a Igreja faz distinção entre amuletos de caráter mágico e os objetos sagrados autorizados por ela; não obstante, o homem rural raras vezes se dá conta dessas diferenças. Dêste modo, sob uma envoltura cristã aparecem costumes tipicamente animistas dos mais remotos tempos, como por exemplo, engulir estampas, água com folhas de rosas de Santa Teresinha, fazendo assim o que poderíamos chamar "medicina espiritual".

Agora, algumas palavras sôbre *talismã*. E' êste um portador de fortuna e está muito menos disseminado que o amuleto. O homem sente menos as penas do mundo que as suas próprias, contra as quais lança mão de todos os recursos profetores.

O homem rural, atribulado pelos seus inúmeros problemas pessoais e de família, vê no amuleto a sua salvação. O *talismã* aparece mais nas altas rodas sociais em forma de aneis com pedras diversas, segundo a crendice de cada um.

Os povos antigos criaram mitos fabulosos relativos aos aneis; o lendário *anel de Salomão*, adornado com seu sinete, transportava diariamente às esferas celestes quem o usasse; o *anel de Goges* tornava invisível o seu portador.

Ainda hoje existem talismãs de formas muito variadas,

embora predominem os que tem forma de brinquedos, como são os *porquinhos da sorte*, a *caveira*, o *trevo de quatro folhas*, a *ferradura*. O caçador leva na corrente de seu relógio um dente de paca ou um corno de veado, que acre-dita, proporcionam caçadas felizes.

Existem talismãs que, dizem, trazem sorte no Amor. Reza a História que Maria de Médicis usava um deles e que consistia num medalhão de ouro com a figura de Venus, rodeada de sinais mágicos e inscrições cabalísticas.

A classe mais curiosa de talismã é, contudo, o ser vivo, seja um animal que sirva de mascote, seja uma pessoa escolhida para êsse fim.

Os jogadores que confiam a sua sorte a uma bolinha de roleta ou carta de baralho, são quase sempre supersticiosos e trazem consigo objetos mais variados a fim de que não sejam abandonados pela fortuna.

As tropas militares tem sempre como mascote um carneiro ou outro animal, que creem trazer felicidades.

A *moeda de 10 centavos* trocada com o *Senhor Morto* na Sexta-feira da Paixão, traz fortuna e da moeda trocada o homem rural só se separa na Semana Santa seguinte, quando a troca por outra — o que se verifica com muitas pessoas de nível cultural bem mais elevado.

*
* *

O MÉDICO-FEITICEIRO

Sofrendo metamorfoses naturais, o que acontece a tudo o que nos tem chegado através dos séculos, o *médico-feiticeiro* alcançou as fronteiras da civilização e nela penetrou com roupagens bem diversas das que antigamente usava. Surgiram daí os curandeiros, charlatães, macumbeiros, benzedores e raizeiros.

Entre os índios da América do Sul, na Terra do Fogo e na África existem ainda *médicos-feiticeiros* que seguem, através das gerações, os ritos de seus antepassados. No nosso meio rural há apenas os mais sabidos que usam e abusam da boa-fé, simplicidade e ignorância do nosso camponês para impingir-lhe suas simulações, com o fim único e exclusivo de obter lucros fáceis.

O que primeiramente despertou a noção das forças sobrenaturais na mentalidade do homem primitivo, não foram

os grandes acontecimentos da Natureza, como o terremoto, inundações e catástrofes, e sim os fenômenos diários do sonho, a doença e a morte. A princípio as cousas naturais não eram interpretadas como sobrenaturais. Ao contrário, aos fatos sobrenaturais é que se dava uma interpretação natural. Assim, se alguém adoecesse, acreditava-se que alguém lhe houvesse um corpo estranho — uma pedra, por exemplo, — que de um modo mecânico penetrasse em seu corpo. Procurava-se extrair a doença por meios também mecânicos, como a sucção, pressão e massagens. Pouco a pouco formou-se uma profissão especial que se dedicava a tais curas, bem como a conjurar a desgraça que ameaçava a toda comunidade, como a epidemia, infelicidade nas caçadas. etc., fatos que, como se sabe, desempenhavam papel preponderante na vida do homem primitivo.

Entre os europeus, essa profissão recebe nomes especialmente relacionados com o tratamento das doenças. Apareceram assim os *médicos-feiticeiros* que sempre existiram, existem e existirão por toda a parte da terra, sobretudo entre povos que sustentam crenças animísticas e desprovidos de cultura que atinja pelo menos o grau médio.

Como a doença era considerada um demônio inimigo encarnado no doente, os processos de cura tinham como principal escopo expulsar os maus espíritos e conseguir o auxílio dos bons, com o intuito de recuperar a alma roubada. Os métodos de cura anteriormente mencionados, passavam então para um plano secundário.

Um exemplo de expressão máxima dessas noções, achase no *XAMANISMO* dos siberianos e esquimaus. Sua característica essencial é a noção de que o *sacerdote-feiticeiro* possui a faculdade de comunicar-se durante seus transportes de êxtase, com os espíritos, dos quais o mundo está cheio, inimigos do homem em sua imensa maioria.

O emblema do *sacerdote-feiticeiro* (*XAMAN*) é um tambor usado durante as práticas rituais. Entre nós, o baixo espiritismo, a macumba, são imitações intencionais realizadas por indivíduos inteligentes e sem escrúpulos, com o fim único e exclusivo de explorar em benefício de suas bolsas, a credulidade pública. Uma sessão de macumba no Rio de Janeiro é uma caricatura grotesca da prática ritual do *Xamanismo*.

Na Sibéria, o *Xaman* com o seu tambor e roupagens grotescas, escolhe as horas da noite para as suas sessões, pois como é natural, a noite é mais propícia para se preparar ânimos que durante o dia. Apagam-se todas as luzes ao

fazer-se o *conjuro*. Lentamente e com voz apagada começa o *conjurador* a entoar uma canção mágica, fazendo-se acompanhar com o tambor. A assistência costuma cantar com voz monótona o estribilo da canção. O cântico mago vai-se tornando mais alto e impetuoso, o tambor é batido implacavelmente e as lâminas e campainhas da esquisita vestimenta do *Xaman* produzem um ruído ensurdecedor; ao mesmo tempo torna-se mais forte o cântico dos presentes. Por fim, as palavras do *Xaman* soam como a voz de um animal ferido, como se achasse lutando por fôrças sobrenaturais e misteriosas que ameaçassem aniquilá-lo. Ouve-se até dizer: "*Não posso mais ... Está em cima de mim ... Não há alguém que me ajude? Sou fraco ...*" Um de seus discípulos anima-o para que resista, até que de repente emudecem o canto e o tambor. Reina agora um silêncio supulcraí e a ansiedade interrompe até a respiração dos presentes. Após curta pausa, volta o mago ao seu tambor, dá umas pancadas, seca e anuncia em palavras entrecortadas e eivadas de mistério, a causa da doença.

Em geral, ela é atribuída ao fato de não ter o doente respeitado algumas das muitas proibições estabelecidas com intuito de evitar a cólera dos espíritos. Se esta falta é confessada publicamente, então em geral tudo vai bem e se promete uma cura rápida; mas, se a doença tem seu fundamento no furto da alma do doente — e existem perigosos raptos de almas — o *conjurador* tem primeiramente que tornar a apoderar-se dela. Muitas vezes isto se faz saindo o mago impetuosamente do aposento ou terreiro, montando o primeiro cavalo que encontrar, partindo loucamente a galope pela estepe para voltar depois com a alma capturada, quando não se torna necessário que o mago realize vôos ao país dos espíritos para prender a alma desgarrada.

Para êsse fim, o mago faz-se amarrar e o seu tambor começa a tocar sózinho. Num tom sobrenatural e com palavras que os *conjuradores* entendem articuladas com a arte de ventríloquos na qual são hábeis os *xamanes*, procuram aproximar-se das almas perdidas. Quando se reuniram todos os espíritos propícios, empreende a viagem, costumando deixar um deles em seu lugar. Um *conjurador* hábil jamais se afasta de seu lugar pela entrada da casa; sempre sai pela parede e, quando volta, está livre de suas ligaduras. Descreve então a seus crédulos ouvintes como encontrou a alma do doente, o que aconteceu durante o vôo e o que viu do maravilhoso país dos espíritos. O paciente sara, o que não nos deve causar surpresa, pois naturalmente crê em tudo e a ciência explica as curas expontâneas baseadas numa

preparação adequada do espírito do doente, ou seja a psicoterapia.

Pela mesma ordem de idéias, pode o doente morrer quando não se conseguiu trazer a alma, cousa que nunca acontece a um conjurador hábil.

Existem variantes de embuste baseadas no xamanismo.

Em certo bairro de BEIRUTH vários *cheiks* trabalham no maior segredo. A sua tarefa é prender demônios e curar crianças.

Um repórter teve ocasião de assistir a uma cura praticada por esses *cheiks* e assim êle a descreve:

“Na habilitação sórdida e esburacada dêsse cheik ouve-se um constante silvar de vento. O *santo* explica a origem e procedência dêsse extranho silvo, assim: “São demônios que eu mantenho encarcerados no outro aposento”. O *cheik do lenço vermelho*, como é conhecido entre os adeptos da extranha crença, acende uma fogueira de galhos secos no meio da cabana e desaparece por um momento. Daí a pouco volta gesticulando e rugindo como um energúmeno ou possesso ... E explica que conseguiu prender o novo demônio, de chifres duplos e rabo terminado em agulhão, vomitando fogo e cheirando a enxôfre queimado e com isso curara uma pobre mulher que a um canto, com a cabeça entre os joelhos parece entregue a um profundo desespero. “A mulher está curada e livre para sempre do demônio, que morava nela, *“explica o cheik”*. Eu, porém, é que não vou poder dormir esta noite com o meu novo inquilino...” e dizendo isso pergunta se mereceu ou não a vultuosa exigência de recompensa monetária...”

Para ser um xaman de verdade é necessário paciente aprendizagem de todos os truques semelhantes aos que vemos nos palcos dos teatros executados pelos ilusionistas. Há mesmo *Escola de Xamans*, na qual só entram os que se submetem a rigoroso *vestibular* ou noviciado, e provem que têm realmente tendências e habilidades para *xamans*. Isso explica as razões porque os grandes ilusionistas gostam de usar nomes indianos ou orientais.

Acreditam-se que a macumba existente em todo o Brasil seja imitação grosseira e caricata do xamanismo siberiano.

Na América do Sul existem os *médicos-feiticeiros*, mas com aspecto completamente diferente. O índio usa remédios extraídos de plantas e raízes com propriedades terapêuticas muito conhecidas d'êles. Um simples índio se vale daquelas substâncias específicas geralmente conhecidas, cuja ação foi verificada repetidamente por uma longa experiência, e, sempre que as usa, conta desde logo com êxito, segundo a dedução lógica e forçosa da relação *causa e efeito*.

Já o *médico-feiticeiro* vale-se dos mesmos conhecimentos e enfeita a cura com as fantasias de causas e efeitos sobrenaturais. Nasceram daí os raizeiros e curandeiros e a mistura *raizeiro-curandeiro-macumbeiro*, uns com relativo conhecimento das propriedades terapêuticas das raízes e folhas que empregam, outros às escuras, usando apenas a arma do atrevimento que as nossas leis, escritas mas nunca cumpridas, lhes proporcionam.

*
**

Estamos agora em condições de analisar e compreender o problema proposto de início. Dois fatores são essenciais para a existência do fenômeno: o astucioso, o homem que vive da exploração da boa-fé e ignorância do povo, o homem que procura os meios fáceis de ganhar a vida — embora êsses meios quase sempre sejam condenáveis e desonestos — e o pacóvio, o otário, o ingênuo, o simples, enfim o miserável, que se presta, consciente ou inconscientemente a ser explorado pelos mais sabidos.

O nosso meio rural fornece a maioria dos que pertencem à segunda classe. A ignorância favorece a superstição e credence relacionados com fatos naturais, que ao homem rural parecem sobrenaturais.

A boa-fé e simplicidade favorecem aos exploradores que delas abusam em proveito próprio. A miséria faz com que o homem rural procure meios que lhes pareçam mais atingíveis e mais baratos, embora aqui, mais do que nunca, tenha força o ditado, *o barato sai caro*.

A timidez e o receio de parecer ridículo perante os outros acarretam a não divulgação dos logros que sofreu dos intrujões e espertalhões, favorecendo assim a repetição de fatos iguais ou semelhantes numa mesma região. O roceiro prefere ser logrado e fingir-se satisfeito, parecendo mesmo julgar-se recompensado pelo fato de outros caírem no mesmo *conto*.

As autoridades, por motivos que não vale a pena analisar, fecham os olhos e permitem aos embusteiros agir em campo aberto, sem o menor constrangimento.

Um charlatão afirmou-me certa vez ser a polícia o que ele menos temia, pois os soldados do destacamento eram os seus melhores fregueses.

Embora pareça exagêro, podemos afirmar que, quando adoece um homem rural, o seu tratamento obedece fatalmente ao encadeamento: chá caseiro, raízes, benzedor, curandeiro, charlatão, farmacêutico, médico, padre, coveiro. O chá caseiro é a esperança de uma cura por se tratar de doença benigna; as raízes envenenam; o benzedor protela e auxilia a evolução da doença; o curandeiro mostra o caminho do cemitério com os seus remédios errados; o charlatão conduz o doente pelo caminho apontado pelo curandeiro; o farmacêutico defende a sua parte, fornecendo remédios, inóquos muitas vezes, prejudiciais não raro, para dizer depois que não é caso para êle e que chame um médico; o médico comparece para que o doente tenha direito a um futuro atestado de óbito; o padre absolve dos pecados e consola o doente e sua família e o coveiro liquida a questão. E a família do defunto, na sua santa ingenuidade, diz aos que lhe levam os pêsames: *fizemos tudo, mas Deus assim o quis...*

Continua no próximo número